
Caminhos da literatura infantojuvenil: jornadas transatlânticas

*Paths of children's and youth literature:
transatlantic journeys*

Clarisse Dias Pessôa

Universidade Federal Fluminense

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2020.n44a410>

RESUMO

O presente artigo procura realizar uma leitura crítica sobre a importância da literatura infantojuvenil para a disseminação das culturas do Brasil e de Portugal entre os jovens, levando em conta a problemática dimensão em nossos dias dos conceitos de *cultura* e *identidade*. O artigo apresenta também uma breve análise do papel do livro na construção e formação do ser humano. Analisaremos também o papel das literaturas infantojuvenil no Brasil e em Portugal e os esforços para sua disseminação e maior intercâmbio cultural entre os países. Para isso, analisamos estudos sobre literatura, sociologia e relações internacionais, com destaque para Ramos e Navas (2016), Rocha (1992), Candido (2004), Meireles (2016), Eagleton (2006) e Hunt (2010).

PALAVRAS-CHAVE: literatura infantojuvenil; identidade; lusofonia; língua portuguesa.

ABSTRACT

This paper seeks to provide a critical reading of the importance of children's literature to disseminate Brazilian and Portuguese cultures to the youngest, taking into account the problematic dimension in our day of concepts such as *culture* and *identity*. This paper presents also a brief

analysis of the role of the book to the formation of human being. The role the children's literature takes place both, in Brazil and Portugal will also be analyzed, as well as the efforts for its dissemination and enlarge cultural interchange between both countries. To this, researches about literature, sociology and international politics have been studied, highlighting Ramos & Navas (2016), Rocha (1992), Candido (2004), Meireles (2016), Eagleton (2006) e Hunt (2010).

KEYWORDS: children's literature; identity; lusophony, Portuguese language.

A teoria da literatura e os estudos culturais produzem diversas reflexões sobre o papel do livro e da literatura nas sociedades atuais e na construção de sentidos e formação dos sujeitos humanos, que perpassam, de um modo ou de outro, noções como as de pertencimento e identidade.

No circuito do livro, diferentes instâncias planejam, intervêm, põem em ação várias estratégias para que o livro passe a ser objeto de desejo. O objeto livro tem diversas peculiaridades na sociedade multicultural e globalizada. Ter acesso ao livro não se caracteriza apenas como o acesso à obra, mas a aspectos culturais e políticos mais profundos que a envolvem: a importância de ser leitor, o poder do livro e da leitura, as consequências positivas da leitura, a legitimidade de certas práticas de leitura, distinção entre leitores e não leitores e a necessidade de leitura sob forma de direito para todos. Nessa direção, o que se revela não é apenas a criação de um objeto cultural, mas a produção “simultaneamente do universo de crença que faz com que seja reconhecido como um objeto cultural” (BOURDIEU, 1996, p. 39).

Apesar de ainda ocupar uma posição periférica no sistema literário, a literatura infantojuvenil tem levantado interesse de pesquisadores e críticos e alcançado estatuto e legitimidade significativos. Atualmente, o estudo da literatura para a infância, como expressão estética, motiva o seu reconhecimento como discurso literário. O

que pode diferenciar a literatura infantil é o fato de ela ser definida a partir de um destinatário preferencial, de faixa etária delimitada, com competência leitora em processo de formação.¹ Qualquer dos temas mencionados é polêmico e registra imensa bibliografia.

Com base na premissa de que coesão e reforço da identidade passam, necessariamente, pelo maior conhecimento mútuo, pode-se pensar na literatura como uma fonte de intercâmbio cultural muito próspera. Uma circulação mais ampla de obras para os jovens certamente é capaz de proporcionar maior contato entre as culturas desde a infância. Não somente as obras já entendidas como tradicionais, mas também as contemporâneas, tanto orais como escritas.

Do ponto de vista da formação do indivíduo e das sociedades, a leitura pode ser considerada um instrumento de intercâmbio cultural. A literatura² traz em sua base o poder de democratizar as relações do ser humano com a sociedade e a cultura, desenvolvendo nos jovens desde a infância o que Cecília Meireles chama de um “humanismo infantil”. “Por essa comunhão de histórias, que é uma comunhão de ensinamentos, de estilos de pensar, moralizar e viver, o mundo parece tornar-se fácil, permeável a uma sociabilidade que tanto se discute” (MEIRELES, 2016, p. 64).

A literatura traz para os jovens uma identidade de formação, “um caminho de comunicação humana desde a infância que, vencendo o tempo e as distâncias, nos permite uma identidade de formação”

1 Sobre problemáticas em torno da definição conceitual de literatura infantojuvenil e seus desdobramentos, cf. Hunt (2010).

2 Candido (2004) chama de literaturas “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, das formas mais complexas às mais simples” (p. 174). Complementarmente, Eagleton (2006) discursa sobre os valores historicamente variáveis atribuídos à literatura e as tentativas e as dificuldades encontradas na definição do termo literatura.

(MEIRELES, 2016, p. 45). As histórias literárias são produto da cultura, porque falam de nós próprios e ao mesmo tempo remetem ao outro, expandindo a nossa experiência e ampliando o olhar sobre o mundo. Para Andruetto:

É por essa razão, creio eu, que a narrativa de ficção continua existindo como produto da cultura, porque vem para nos dizer sobre nós de um modo que as ciências ou as estatísticas ainda não podem fazer. Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso (2012, p. 54).

A humanização do ser passa necessariamente pela literatura, pois esta mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, tornando-o mais compreensivo e tolerante. A literatura infantojuvenil traz desde cedo para o universo infantil o estrangeiro, o desigual, o outro. Traz para os jovens a possibilidade de diálogo na diferença e contribui de forma essencial para a sua formação como ser humano. A literatura tem poder humanizador,³ pois torna o homem mais compreensivo e aberto para a sociedade, para a natureza e para o semelhante.

Os procedimentos que promovem o encontro entre livro e leitor ou uma comunidade de leitores são complexos, mais ainda se o público em questão for o infantil, em que a própria construção de sentidos a partir do texto se faz de forma diferente, mais dinâmica, do que a de um leitor mais fluente, como aponta Hunt (2010):

³ A humanização é o processo que confirma no ser humano traços que são considerados essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor (cf. CANDIDO, 2004).

O público implícito em “literatura infantil” é um público em desenvolvimento. A integração entre códigos de texto e de gênero será uma parte importante do processo de leitura. Embora, diacronicamente, um leitor em desenvolvimento possa mudar a si mesmo, entre leitura de livros, de uma maneira mais radical que um “leitor qualificado” (p. 116).

Os livros ganham destaque em determinada comunidade de leitores pela combinação de diversos fatores. Por vezes, estratégias calculadas de editoras fazem com que os livros cheguem aos leitores, outras vezes, programas de incentivo à leitura, ou mesmo a força da tradição e das instituições podem promover esse encontro. Nesse circuito, o papel dos mediadores é de fundamental importância, não somente pelas figuras do autor, editor, impressor, distribuidor e vendedor, como descreve Darnton (1992), mas também por outros agentes como a mídia, a escola, a família, a crítica e as instituições governamentais. Já Hunt destaca, nesse quadro, a atuação decisiva dos críticos:

Se isso parece perverso, eu diria que são os críticos que em última instância fazem os livros, não as crianças. As crianças não têm a liberdade de escolha; podem ter liberdade para escolher dentre o que há para ser escolhido, mas não é a mesma coisa. Os críticos criam o clima intelectual que produz o texto (2010, p. 209).

Nessa perspectiva, talvez seja produtivo pensar em modelos de atuação que levem em conta o poder de ação desses mediadores de leitura, assim como o dos jovens a partir do momento em que estes vão se tornando leitores. Fundamental, contudo, é que obras de países lusofalantes estejam amplamente disponíveis para que possam configurar um maior campo de inserção e circulação no cenário literário dos dois lados do Atlântico. As pontes entre livros e crianças se estabelecem pela mediação da leitura. Os questionamentos giram em torno das pontes necessárias para unir produções literárias que

trazem a língua como ponto de interseção. Que efeitos recíprocos poderiam ter, por exemplo, produções infantojuvenis ligadas ao idioma comum na futura trajetória do jovem brasileiro e português?

A acessibilidade de jovens leitores a obras de autores de países lusofalantes, ampliando-se o trânsito literário, certamente contribuiria para novas formas de conhecimento, trocas e contato mútuo. Ampliar e fomentar pontes é pensar em novos modelos de ação permeável aos leitores, em diálogo com eles. Um modelo que estabeleça o diálogo, que possa escutar e que se abra para essas culturas, driblando visões estigmatizadas, e que não se reduza à superficialidade dos estereótipos.

Na geografia do cânone literário infantojuvenil os autores de países de origem anglo-saxã acabam por ocupar um espaço bastante amplo, devido ao apoio econômico exercido por certos setores e circuitos culturais, como é o caso de Roald Dahl, J. K. Rowling ou C. S. Lewis, para citar alguns exemplos, e que também tiveram suas obras recontadas em grandes produções cinematográficas.

É certo que diversos autores de língua portuguesa têm produzido obras de elevada qualidade nos diversos territórios da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), muitos até reconhecidos com prêmios internacionais. O que seria necessário para um texto infantojuvenil lusófono transitar com maior fluidez dentro das fronteiras de países lusofalantes? Que fatores poderiam contribuir de forma efetiva para a divulgação e promoção desses textos? Algumas iniciativas podem estimular esse movimento, como os programas de leitura, as políticas de afirmação cultural e a participação dos mediadores de leitura para abrir novos caminhos aos textos de língua portuguesa.

As distintas trajetórias dos livros no Brasil e em Portugal vêm sendo estudadas por um maior número de pesquisadores nos dois lados do Atlântico. A produção e circulação dos livros funcionam como

rotas para que conhecer a real dimensão do intercâmbio existente entre os dois países. Entretanto, estudos com vistas a inventariar e catalogar autores e obras estrangeiras em ambos os países ainda são escassos, talvez pela proporção e tamanho do mercado editorial ou pela sua volubilidade. Com isso, torna-se difícil mensurar a inserção das obras portuguesas no mercado brasileiro e vice-versa, principalmente a partir da virada do século.

O excesso de lançamentos de títulos em um mercado editorial dinâmico, ligado à globalização econômica, dificulta os estudos sobre os títulos disponíveis. Segundo Machado (1999):

[...] cada vez mais diminui o tempo de permanência dos títulos nas prateleiras das livrarias, diminui mais o espaço dedicado à divulgação de livros na imprensa, diminuem as compras feitas por bibliotecas (e o critério de escolha passa a ser mais o da novidade, do sucesso e da facilidade, do que o da qualidade), diminuem as tiragens, e conseqüentemente, aumentam os preços e tem que aumentar o número de títulos lançados, para poder alimentar a novidade, ser registrado nos meios de comunicação e poder passar alguns dias com a capa exposta na livraria. Sem isso, é a morte do livro (p. 144).

Alguns indícios podem, contudo, apontar uma maior interlocução entre os dois países, embora sejam literaturas que ainda vivem de “costas voltadas”, para usar a expressão de Ramos e Navas (2016). O crescimento da indústria editorial, tanto no Brasil quanto em Portugal, no que diz respeito à literatura infantojuvenil, está intimamente vinculado ao setor educacional em seus diversos momentos, seja pela colaboração dos programas de compras de livros, pelo fomento do livro e da leitura por meio de premiações, por divulgações ou pelo apoio à edição e eventos.

O mercado editorial brasileiro se mostra relativamente estável em relação à produção para jovens e crianças, sobretudo devido aos pro-

gramas de políticas públicas de aquisição de livros nos âmbitos federal, estadual e municipal, como o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Programa Minha Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Em Portugal, o Plano Nacional de Leitura (PNL) também incentivou a produção de livros. Segundo Rocha (1992), ainda que a leitura extracurricular tivesse sua importância reconhecida, foi a escola que impulsionou o mercado livreiro em Portugal, com ações e compras realizadas para diversas bibliotecas e escolas.

As premiações e os selos de qualidade que as obras adquirem também são de alta relevância para sua circulação internacional. Nos dados sobre a composição do acervo do PNBE feita pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), consta que a seleção deveria ser feita “entre as obras altamente recomendadas e premiadas pela fundação, sendo que o principal critério de escolha será a qualidade do livro, observando-se, em iguais condições, texto, imagem e projeto gráfico” (cf. FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTO-JUVENIL, 1999). As escolhas se basearam em documentos internacionais e nacionais dos direitos humanos e contemplaram os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A partir das análises dos acervos do PNBE, é possível perceber a presença de alguns títulos de autores e ilustradores portugueses, como *Os livros que devoraram meu pai* (2010), de Afonso Cruz, ganhador do prêmio Rosa Maria Colaça, em 2009, e indicado para a lista do PNBE em 2013. *A televisão da bicharada* (1997), de Sidônio Muralha, então editado pela Global, teve sua qualidade reconhecida pela FNLIJ, que lhe concedeu o selo de Altamente Recomendável para a Criança, em 1997, e o indicou para a lista do PNBE (1999). Do escritor português José Jorge Letria e ilustrador André Letria, a obra *Os animais fantásticos* (2004) recebeu o selo de Altamente Recomendável na categoria literatura em língua portuguesa em 2009 pela FNLIJ e foi selecionado para o acervo do PNBE (2010).

Todas as publicações com apoio trazem a presença de escritores de renome no panorama literário português, com premiações ou indicações internacionais e nacionais, demonstrando ser esse um fator decisivo para sua publicação. As obras lusófonas têm ganhado espaço e atenção mediante aprovação e recomendação pela FNLIJ, cujas indicações servem de parâmetro para aquisição de livros infanto-juvenis. Desde 2006, a fundação criou uma categoria denominada “Literatura em Língua Portuguesa”, que reconhece obras de países lusófonos, excetuando o Brasil.

Em Portugal, a Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas, sob tutela do Ministério da Cultura (DGLB/MC), tem um programa de apoio à edição no exterior desde 2005. Todas as obras que receberam apoio do DGLB/MC para edição também foram premiadas ou distinguidas pela FNLIJ. Além dos apoios para divulgação no exterior, o governo português, a partir do PNL, criou um selo para as obras selecionadas pelo programa, o selo *PNL Ler+*, assim como o PNBE e a Fundação FNLIJ fazem no Brasil. Um dos autores brasileiros que recebem o selo em Portugal é Jorge Amado. *O gato Malhado e a andorinha Sinhá* (1976) encontra-se no rol dos livros recomendados pelo PNL e traz o selo *Ler+* em sua capa nas edições a partir de 2001. É possível que a criação desses selos de qualidade, tanto no Brasil, quanto em Portugal, esteja influenciando as importações e aquisições de livros nos dois lados do Atlântico.

Em diversos momentos, conforme Ferreira (2009), observou-se em Portugal certa resistência a livros de autores brasileiros. Essa resistência muitas vezes apareceu associada às diferenças linguísticas e questões pedagógicas. É o caso de Monteiro Lobato, que não consta em nenhum programa de leitura português como sugestão de leitura.

De qualquer modo, a partir dos atuais estudos ligados ao conceito de língua, tanto histórica como social, às concepções sobre ensino e aprendizagem na relação da criança com seu objeto de conhecimento,

às noções de autoria e linguagem literária, parece que a cisão entre literaturas infantojuvenil brasileira e portuguesa tende a diminuir.

Segundo Oliveira (2013), as editoras também estão atentas aos autores e ilustradores que recebem ou são indicados a prêmios internacionais, como o Hans Christian Andersen, dentre outras premiações. Como é o caso da escritora Alice Vieira, com a obra *Os olhos de Ana Marta* (1990). Essa obra é “altamente recomendável em literatura de língua portuguesa” pela FNLIJ. Em 1996, a autora recebeu o Grande Prêmio de Literatura para Crianças da Fundação Calouste Gulbenkian pelo conjunto de sua obra. Vieira também foi por duas vezes candidata portuguesa ao Prêmio Hans Christian Andersen do International Board on Books for Young People (IBBY), em 1996 e 1998, o que confere à autora um *status* incontestável no cenário do livro infantojuvenil português da atualidade. No caso brasileiro, temos Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes, ganhadoras do prêmio Hans Christian Andersen do IBBY, em 2000 e 1982, respectivamente. Lygia Bojunga, apesar de ser a primeira autora de língua portuguesa a receber o prêmio, também foi inicialmente avaliada com ressalvas em Portugal. *Corda bamba* (1981) recebeu o parecer de “aceitável” pela Fundação Calouste Gulbenkian, com a justificativa de que a temática era atual, mas as questões linguísticas seriam um ponto negativo. Rocha faz um balanço sobre a publicação de autores brasileiros em Portugal, mostrando uma tendência à mudança no desejo de um maior contato com a literatura infantojuvenil brasileira:

À guisa de balanço, coloca que: Neste rápido historial não cabem referências a escritores dos países de língua oficial portuguesa e são muitos. [...]. Do Brasil, para além de larga e valiosa produção editorial — pouco conhecida e divulgada em Portugal — chegou, no ano de 1982, o primeiro prêmio de Hans Christian Andersen para um escritor de Língua Portuguesa: nesse ano, foi distinguida a obra de Lygia Bojunga Nunes. Nos seus livros, usando um português exuberante, dinâmico e pictórico que se fala no Brasil,

a autora penetra fundo nas angústias e anseios do “crescer” dos leitores para ler o mundo a partir de um passado pequeno e confuso. O estilo de Lygia Bojunga Nunes traz a poesia coloquial e a alegria do que cresce e se agita. Problemas ainda não resolvidos — ortografia e outros — deixam desconhecida esta excelente escritora brasileira, tal como Monteiro Lobato, cuja obra só chegou às nossas crianças pela série na televisão (ROCHA, 1992, p. 115-116).

Outro fator importante que vem estabelecendo um maior intercâmbio entre os dois países são os momentos próximos às datas comemorativas. Nos períodos que antecedem estas ocasiões, o mercado editorial se prepara para atender às demandas. Para ilustrar, os exemplares da coleção *Na crista da onda: D. Manuel, O Venturoso* (2000) e *Os Oceanos, Sonhos, mitos e realidades* (2000), de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, possuem em suas páginas de catalogação a motivação de sua impressão, a comemoração dos descobrimentos portugueses.

Uma estratégia das editoras é agrupar essas obras estrangeiras em coleções através da temática lusófona. Um exemplo é a coleção *Luso-afro-brasileira*, da Série Santa Maria, Pinta e Nina, editada pela Vale Livros/Editora Santuário, atualmente fora de catálogo, e que recebeu o prêmio de editoração da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 1994. A coleção integrava, entre outras obras, *O amigo inventado* (1994), de José Jorge Letria, e o livro do autor português Antônio Torrado, *Donzela que vai à guerra* (1994).

Coleção que tem por objetivo consolidar a ponte Portugal-África-Brasil, ativar sua travessia, pois seus fundamentos são a matriz comum, a Língua Portuguesa. Ocupamos hoje na Comunidade das Nações um lugar bastante expressivo: estamos passando do sexto para o quinto lugar em número de falantes. Ora, nossas crianças, jovens e adultos precisam conhecer a Literatura Infantil e Juvenil recriando o viver e o sentir de nossos povos irmãos e irmanados. As estórias vivem em intertextualidade, em superposição de fios

textos, contados, escritos através de gerações. Precisamos, todos nós, falantes do Português em seus matizes múltiplos, quer nacionais, quer regionais, conhecer o colorido das inflexões da voz, os sentidos cambiáveis espaço tempo, as palavras únicas ou as em desuso de cada terra. Então, veremos com nitidez, bem no eixo característico de cada povo, de cada cultura, o mesmo humano coração gemendo, orando, cantando! (TORRADO, 1994, p. 10)

O reencontro com autores de grande expressividade internacional de ambos os países também é aproveitado pelo setor editorial, com publicações que revisitam obras de Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Cecília Meireles, Graciliano Ramos e José Saramago, entre outros, presentes tanto em Portugal como no Brasil.

No eixo Brasil-Portugal algumas iniciativas foram promovidas para a divulgação da Literatura infantojuvenil como, por exemplo, a 13ª edição do Salão FNLIJ no Rio de Janeiro, em 2011, que teve a CPLP como “país convidado”. Na ocasião, o diretor executivo do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) discorreu sobre a identidade lusófona, declarando que a língua portuguesa é uma língua de oportunidades, mas ainda muito presa a suas raízes coloniais e que uma mudança dessa identidade colonial se faz necessária para uma maior projeção internacional da comunidade.

Em maio de 2013, Brasil e Portugal juntos criam o prêmio Monteiro Lobato de Literatura para a Infância e a Juventude. O prêmio é bienal e contempla escrita e ilustração, procurando incentivar e valorizar a escrita para a infância em língua portuguesa. Trata-se, assim, de mais um passo na consolidação da relação cultural bilateral entre Portugal e o Brasil, com a intenção de promover internacionalmente autores lusófonos.

Ao completar 18 anos de existência, em 2014, a CPLP lança o livro *Contos tradicionais da CPLP*, com contos e ilustrações dos países-membro para os jovens. O livro está disponível no *site* da organiza-

ção, proporcionando maior acesso em todas as partes do mundo. Os contos podem ser lidos e ouvidos, em consonância com a tradição oral, marca cultural de alguns povos que fazem parte da CPLP. Cada conto também acompanha um glossário, com uma breve explicação de palavras e termos locais. No prefácio, o secretário executivo da CPLP, Murade Murargy, reforça:

[...] com vista à promoção da diversidade cultural e dos laços linguísticos que unem e enriquecem os nossos povos, quisemos fazer uma publicação dedicada aos mais jovens. Tendo em conta a importância da divulgação de histórias e cantigas infantis do espaço da CPLP, e porque acreditamos que conhecimento mútuo continua a ser essencial para o reforço da solidariedade e da cooperação na CPLP, celebramos nesta publicação os *Contos Tradicionais da CPLP* (MURARGY, 2014, p. 5)

Junto às ações da CPLP, outros projetos vêm sendo desenvolvidos por outras instituições, como a exposição “Lá e Cá: os livros viajantes”, realizada em São Paulo, em 2013, em colaboração com a DGLB, dos arquivos e das bibliotecas de Portugal, e com o Serviço Social de Comércio (SESC), instituição brasileira público-privada que desenvolve uma importante atividade cultural no Brasil, para a celebração do ano de Portugal no Brasil (2013). Os trabalhos de 25 ilustradores e sete escritores portugueses foram apresentados (Alice Vieira, António Mota, António Torrado, José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares, Sophia de Mello Breyner Andresen e Manuel António Pina). O evento constituiu o maior realizado em torno do trabalho de escritores e ilustradores para infância de Portugal no Brasil.

Outra exposição significativa foi “Fernando Pessoa: plural como o universo”, ocorrida em 2010, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Roberto Marinho. Mais recentemente, em Lisboa, a Fundação Calouste Gulbenkian realizou um ciclo de conferências sobre lite-

ratura brasileira em que um panorama da literatura infantojuvenil também foi abordado. “Literatura brasileira: patrimônio revisitado e criação contemporânea” contou com a presença de Marco Lucchesi, Ana Maria Machado, Rosiska Darcy de Oliveira e Domício Proença.

Um fator importante nas interseções entre os países lusófonos é o crescimento dos grupos editoriais e a sua internacionalização. A editora portuguesa Leya, por exemplo, que iniciou seu trabalho no Brasil em 2009, pôs no mercado do país mais de dezenas de livros de autores/ilustradores portugueses. Segundo seu *site*, “a presença no Brasil é estratégica para o cumprimento da missão de dar a conhecer os autores em todo o espaço lusófono e do desígnio de ser um grupo editorial de referência na língua portuguesa”.⁴

Nesse aspecto, o Brasil tem se mostrado um mercado bastante promissor, mesmo considerando as dificuldades e os momentos de crise do setor. Segundo dados do Global Ranking of the Publish Industry⁵ de 2017, organizado pelo consultor austríaco Rüdiger Wischenbart, que lista os cinquenta maiores grupos editoriais do planeta, encontramos a presença de duas brasileiras: a Somos, na 32ª posição, e a FTD, na 49ª posição.⁶ Além do Brasil, nenhum outro país lusófono aparece na lista.

A busca pela identidade perpassa o conhecimento mútuo. Nesse sentido, a literatura infantojuvenil pode ter um papel fundamental na busca da identidade plural lusófona. Porém, é imperativo que as novas gerações de leitores que se formam hoje tenham acesso à literatura dos países que compartilham a mesma língua para que possa haver a expectativa de um futuro em que a comunidade lusófona

⁴ LeYa no Brasil, *LeYa Portugal*, Alfragide. Disponível em: <http://www.leya.com/gca/index.php?id=110>. Acesso em: 15 nov. 2019.

⁵ Neto (2017).

⁶ A Somos obteve, em 2016, receita de 408 milhões de euros, e a FTD, 176 milhões de euros, segundo Neto (2017).

tenha um papel mais relevante para os cidadãos que a compõem. A fim de que cada sociedade, com identidades particulares, possa reforçar a presença da unidade na diversidade. O mútuo conhecimento e a aproximação de países culturalmente solidários, como Brasil e Portugal, certamente podem tornar mais forte a presença da língua portuguesa na ordem internacional em desenvolvimento.

RECEBIDO: 29/06/2020 APROVADO: 30/09/2020

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução Walensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MENNA, Lígia. *A literatura infantil além do livro*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2019.

MURARGY, Murade. Divulgar e preservar o patrimônio imaterial da CPLP. In: PEREIRA, Celina; AFONSO, José; CERQUEIRA, Sidney (org.). *Contos tradicionais da CPLP*. Audiolivro. Maia: Sersilito, 2014. Disponível em: <https://www.cplp.org/Default.aspx?ID=4547>. Acesso em: 19 out. 2019.

NETO, Leonardo. Duas brasileiras entre as cinquenta maiores editoras do mundo, *Publishnews*, São Paulo, 5 set 2017. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/09/05/duas-brasileiras-entre->

-as-50-maiores-editoras-do-mundo. Acesso em: 16 nov. 2019.

OLIVEIRA, Iris Filomena Mendes de. *Obras de literatura infantojuvenil portuguesa no mercado livreiro e editorial brasileiro em 2010 e 2011*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/250740>. Acesso em: 5 mai. 2020.

PEREIRA, Celina; AFONSO, José; CERQUEIRA, Sidney (org). *Contos tradicionais da CPLP*. Audiolivro. Maia: Sersilito, 2014. Disponível em: <https://www.cplp.org/Default.aspx?ID=4547>. Acesso em: 19 out. 2019.

PNBE. Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil, 1999. Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/site/pnbe-1999.html>. Acesso em: 9 jan. 2020.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. *Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico*. Porto: Tropelias & Companhia, 2016.

ROCHA, Natércia. *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. 2. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1992.

TORRADO, António. *Donzela que vai à guerra*. Ilustrações Daisy Startari. Aparecida, SP: Santuário, 1994. (Coleção Luso-afro-brasileira. Série Santa Maria, Pinta e Nina).

Minicurrículo

Clarisse Dias Pessôa é pós-graduanda no curso de especialização em Literatura Infantojuvenil, na Universidade Federal Fluminense. Graduada em Letras – Português/Inglês, pela Universidade Estácio de Sá. Atua como coordenadora pedagógica das séries iniciais do ensino fundamental na rede particular de ensino de Niterói-RJ.